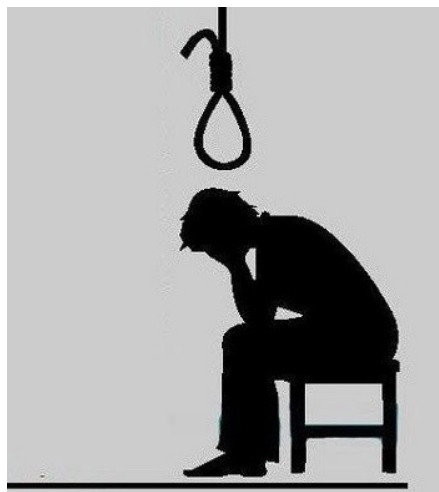


Suicídio



Suicídio

Suicídio

Falando sobre Suicídio

Suicídio – (DICIO) Ação de acabar com a própria vida, de se matar: ele cometeu suicídio. Infelicidade; desgraça ocasionada por uma atitude, um comportamento, pela falta de senso ou de percepção.

Suicídio – (FEB) o suicídio não consiste somente no ato voluntário que produz a morte instantânea, mas em tudo quanto se faça conscientemente para apressar a extinção das forças vitais.

Suicídio

Crônicas e artigos:

Assunto	Origem	Pagina
Suicídio, atenuantes e agravantes	O Consolador	04
Suicídio: opção tola e inútil	O Consolador	05
Um minuto com Chico Xavier	O Consolador	07
Suicídio, a porta falsa	Momento espírita	08
Suicídio	Momento Espírita	09

Suicídio, atenuantes e agravantes

A lei de causa e efeito é uma lei universal; a ela estão submetidas todas as ações.

No entanto, não se pode olvidar que, com respeito às ações humanas, o seu cumprimento estará sempre associado a atenuantes e agravantes de acordo com as circunstâncias em que foram realizadas.

Isso porque, antecedendo a qualquer ação, existe sempre um processo, que caracteriza a intencionalidade ou objetivo da ação.

O desconhecimento do referido mecanismo conduz a maioria das pessoas a uma opinião padronizada no que diz respeito ao suicídio.

É comum uma avaliação apenas superficial, sem conhecimento de causa, quando se compara um suicídio a outros supostamente semelhantes, cujas implicações para as vítimas foram relatadas por Espíritos orientadores, e, então, forma-se uma opinião generalizada sobre o assunto:

“Todo suicida irá para uma região no plano espiritual, conhecida como Vale dos Suicidas!” ou

“Todo suicida sofrerá intensamente, por tempo igual ao que deveria ainda permanecer no corpo físico!”.

É importante esclarecermos, que até podemos considerar dois suicídios idênticos no que diz respeito ao gênero de morte das vítimas, mas não podemos dizer o mesmo com relação às circunstâncias que os favoreceram ou aos objetivos a que se propunham.

Alguns se matam por pura covardia diante das aflições; outros por se encontrarem totalmente dominados por obsessores cruéis ou sob o efeito de drogas; já outros, realizam-no por altruísmo imaginando o suicídio como única providência para beneficiar a alguém da família, ou a uma coletividade.

Para esclarecermos sobre o assunto, nada melhor do que conhecermos as opiniões abalizadas dos mentores espirituais e do Codificador – Allan Kardec, em alguma obra Espírita:

O pai e o conscrito - “No começo da guerra da Itália, em 1859, um negociante de Paris, pai de família, gozando de estima geral por parte dos seus vizinhos, tinha um filho que fora sorteado para o serviço militar. Impossibilitado de o eximir de tal serviço, ocorreu-lhe a ideia de suicidar-se a fim de o isentar do mesmo, como filho único de mulher viúva. Um ano mais tarde, foi evocado na Sociedade de Paris a pedido de pessoa que o conhecia, desejosa de certificar-se da sua sorte no mundo espiritual.” (1)

Podereis ministrar-nos a vossa apreciação sobre esse suicídio?

– “Este Espírito sofre justamente, pois lhe faltou a confiança em Deus, falta que é sempre punível. A punição seria maior e mais duradoura, se não houvera como atenuante o motivo louvável de evitar que o filho se expusesse à morte na guerra.

Deus, que é justo e vê o fundo dos corações, não o pune senão de acordo com suas obras.” (Espírito São Luís)

– “À primeira vista, como ato de abnegação, este suicídio poder-se-ia considerar desculpável. Efetivamente assim é, mas não de modo absoluto.

A esse homem faltou a confiança em Deus, como disse o Espírito S. Luís.

A sua ação talvez tenha impedido a realização dos destinos do filho; ao demais, ele não tinha a certeza de que aquele sucumbiria na guerra e a carreira militar talvez lhe fornecesse ocasião de adiantar-se.

Suicídio

A intenção era boa, e isso lhe atenua o mal provocado e merece indulgência; mas o mal é sempre o mal, e se o não fora, poder-se-ia, escudado no raciocínio, desculpar todos os crimes e até matar a pretexto de prestar serviços.” (Allan Kardec)

A ninguém foi concedido o direito de atentar contra a vida, quer seja a sua ou a de seu semelhante. Cada um deve entender que a vida é uma dádiva Divina, somente Deus tem o direito de interrompê-la no momento que achar conveniente.

Por mais que alguém tente justificar o suicídio, jamais apagará de sua consciência o estigma da culpa, enquanto não realize a devida reparação.

Como pudemos muito bem constatar no exemplo citado, mesmo que exista atenuante não se pode concluir que exista a isenção de culpa, ele sofrerá as consequências da ingratidão cometida contra a misericórdia divina.

O Consolador, Suicídio, atenuantes e agravantes, (F. Altamir da Cunha), Nº 301 – 03/03/2013

Suicídio: opção tela e inútil

No início de setembro, em relatório publicado na cidade de Genebra, a Organização Mundial de Saúde divulgou um dado alarmante: um milhão de pessoas por ano cometem suicídio, um número maior do que o total de vítimas causadas por guerras e homicídios.

O relatório foi apresentado no dia 10 de setembro durante a décima edição do Dia Mundial de Prevenção de Suicídio.

De acordo com os números divulgados, as taxas de suicídio mais elevadas verificam-se nos países do leste da Europa, como Lituânia ou Rússia, e as mais baixas se situam nas Américas Central e do Sul, em países como Peru, México, Brasil ou Colômbia. Estados Unidos, Europa e Ásia estão na metade da escala e não existem estatísticas no tocante aos países africanos e do sudeste asiático.

Se o número de suicídios é alto, que diremos do número de tentativas, cerca de 20 milhões por ano! Cinco por cento das pessoas no mundo, segundo a Organização Mundial de Saúde, fazem uma tentativa de suicídio pelo menos uma vez em sua vida. E – o que é mais assustador – o suicídio é, em todo o mundo, a segunda causa de morte entre os adolescentes de 15 a 19 anos.

O tema suicídio tem sido examinado com certa frequência nas obras e nos periódicos espíritas. O capítulo 3 do livro *Astronautas do Além*, uma parceria entre Chico Xavier e Herculano Pires, teve sua origem numa carta de uma pessoa que solicitou a Cornélio Pires (Espírito) esclarecimentos a respeito do suicídio.

Na reunião em que a carta foi entregue a Chico Xavier, assim que feita a prece inicial, caiu para estudo a questão 943 d' O Livro dos Espíritos: “De onde vem o desgosto pela vida que, sem motivos plausíveis, se apodera de alguns indivíduos?”.

Os imortais responderam: “Efeito da ociosidade, da falta de fé e geralmente do fastio. Para aqueles que exercem as suas faculdades com um fim útil e segundo as suas aptidões naturais, o trabalho nada tem de árido e a vida passa mais rapidamente. Suportam as suas vicissitudes com tanto mais paciência e resignação, quanto mais agem tendo em vista a felicidade mais sólida e durável que os espera”.

No final da reunião, Cornélio Pires, valendo-se das faculdades de Chico Xavier, respondeu ao amigo, a quem dedicou o poema intitulado *Suicídio*, formado por oito quadras, nas quais diz que não devemos pensar em suicídio nem mesmo por brincadeira, porquanto um ato desses resulta na dor de uma vida inteira.

Na sequência, Cornélio relata de forma sintética o drama de seis suicidas e as consequências de seus atos. Quim afogou-se num poço e renasceu atolado no enfisema. Dilermanda matou-se com um tiro e agora não fala, não vê, não anda. Dona Cesária da Estiva pôs fogo nas próprias vestes e retornou num corpo que é chaga viva. Maricota da Trindade suicidou-se ingerindo formicida e voltou, morrendo de um câncer aos quatro meses de idade. Columbano enforcou-se e hoje é paraplégico. Dona Lília Dagele queimou-se com gasolina e agora sofre sarna que lembra fogo na pele.

Fechando o poema, Cornélio grafou este admirável conselho:

“Tolera com paciência

Qualquer problema ou pesar;

Não adianta morrer,

Adianta é se melhorar”.

Suicídio

Em uma mensagem acerca do assunto, Emmanuel diz que as pessoas que revelem tendências suicidas deveriam tomar algumas precauções indispensáveis à vigilância, pois, caso contrário, a queda no abismo tornar-se-á quase inevitável.

É preciso – diz Emmanuel – que, em primeiro lugar, a pessoa pense em Deus e na bondade do Pai que nos deu a vida, a família, os amigos e as oportunidades de crescimento.

Em segundo lugar, que medite na falta que, se partir de repente desta vida, fará aos entes queridos – mulher, filhos, irmãos, pais e amigos.

Em terceiro lugar, que ore e peça forças a Deus e aos protetores espirituais, e, por fim, dedique-se à prática do bem, ajudando os que, mais carentes que nós, enfrentam situações que talvez não suportaríamos.

Cada existência no mundo em que vivemos constitui-se de desafios, porque estes são indispensáveis ao nosso progresso.

Fugir a eles, desertar da vida, abandonar o curso de uma existência pela via do suicídio só ampliam, jamais aliviam, os amargores da vida.

“A vida material – diz Herculano Pires – é um exercício para o desenvolvimento dos poderes do Espírito.

Quem abandona o exercício por vontade própria está renunciando ao seu desenvolvimento e sofre as consequências naturais dessa opção negativa.”

“Nova oportunidade lhe será concedida, mas já então ao peso do fracasso anterior.”

(Astronautas do Além, cap. 3.)

O Consolador, Suicídio opção tola e inútil, (Nº 279 – 23/09/2012)

Um minuto com Chico Xavier

Em entrevista concedida durante um programa de Hebe Camargo, na TV Bandeirantes, no dia 20 de junho de 1985, Chico Xavier respondeu a um questionamento feito pela convidada Nair Belo. Vejamos a pergunta e a resposta:

Nair: Chico, um filho excepcional é um carma ou uma prova para os pais?

“Nair, a criança excepcional sempre me impressionou pelo sofrimento de que ela é portadora, não somente em se tratando dela mesma, mas, também, dos pais e isso tem sido o tema de várias conversações minhas com o nosso Emmanuel, que é o guia espiritual de nossas tarefas.

E ele, então, diz; em regra, geral, a criança excepcional é o suicida reencarnado, reencarnado depois de um suicídio recente, porque a pessoa, quando pensa que se aniquila, está apenas estragando ou perdendo a roupa que a Providência Divina permite de que ela se sirva durante a existência, que é o corpo físico.

A verdade é que ela em si é um corpo espiritual; então, os remanescentes do suicídio acompanham a criatura que praticou a autodestruição para a vida do Mais Além. Lá ela se demora algum tempo amparada por amigos que toda criatura tem, afeições por toda parte, mas volta à Terra com os remanescentes que ela levou daqui mesmo, após o suicídio.

Se uma pessoa espatifou o crânio e se o projétil atingiu o centro da fala, ela volta com a mudez.

Se atingiu apenas o centro da visão, ela volta cega, mas se atingiu determinadas regiões mais complexas do cérebro, ela vem em plena idiotia e aí os centros fisiológicos não funcionam.

Se ela suicidou-se mergulhando-se em águas profundas, ela vem com a disposição para o enfisema, um enfisema infantil ou da mocidade, ou dos primeiros dias de vida.

Se ela, por exemplo, se enforcou, ela vem com a paraplegia, depois de uma simples queda que toda criança cai do colo da ama, do colo da mãezinha; então, quando o processo é de enforcamento, a vértebra que foi deslocada, no enforcamento, vem mais fraca e, numa simples queda, a criança é acometida pela paraplegia.

Outras crianças que vêm completamente perturbadas – a esquizofrenia, por exemplo, diz-se que é o suicídio, depois do homicídio.

O complexo de culpa adquire dimensões tamanhas que o quimismo do cérebro se modifica e vem a esquizofrenia como uma doença verificável, porque através dos líquidos expelidos pelo corpo é possível detectar os princípios da esquizofrenia.”

O Consolador, (Um minuto com Chico Xavier), (José Antônio Vieira de Paula), (Nº 268 – 08/07/2012)

Suicídio, a porta falsa

Desde que bebera a substância venenosa, Marina sentia-se morrer, sem morrer. Não queria viver mais. Experimentara o desprezo de Jorge, o jovem de quem se enamorara e com quem acariciava o sonho de casar-se e criar os filhos. Foram dois anos de esperanças. Tudo em vão. Não dera ouvidos ao pai que costumava dizer-lhe: Cuidado com os rapazes de hoje, filha, nem sempre têm bom caráter. Achava o paizinho antiquado e exigente. Mas como resistir? Jorge a buscava todas as noites. Começou pedindo livros emprestados. Depois de algumas semanas estavam juntos no cinema. O filme era envolvente. Contava a história de uma jovem tímida, contrariada pela família, que se entregara ao rapaz, com quem fugiu, confiante. Ninguém poderia dizer o que aconteceria depois, mas o cinema coroara a aventura com um romântico beijo. Na saída, a garoa fina. Jorge a convidou para um passeio. Marina pensava na heroína do filme, e não teve coragem de dizer não. Pela primeira vez Marina mentiu à mãezinha que a esperava, ansiosa, às três horas da madrugada. A chuva atrapalhou, mãe, ficamos na casa de Jorge até agora. Outros tantos passeios a sós se repetiram até que um dia Marina sentiu-se enjoada e com tonturas. Jorge a levou ao consultório de um médico, ainda jovem, que a olhava com ares de malícia. A moça ficou um tanto revoltada diante dele, mas submeteu-se ao abortamento. Desejava ser mãe, mas o namorado convenceu-a de que era preciso se casarem antes. Terminariam os estudos e então se casariam. Daquele dia em diante Marina sentia-se diferente. Via-se perseguida, em sonho, por alguém que lhe gritava aos ouvidos: Mãe, mãe, por que me mataste? Contou seu drama ao namorado mas ele dizia que ela estava precisando de um psiquiatra. O tempo passou e Marina sentia-se cada vez mais atormentada. Toda vez que falava sobre isso com Jorge ele a acalmava dizendo que logo se casariam. Um dia, quando sentia-se muito deprimida, ela procurou Jorge, a quem considerava seu noivo, e o encontrou com outra moça. Ele a conduziu à pequena distância e explicou-se. Não a amava, confessou áspero. É melhor terminarmos assim, falou com frieza, antes de mais sérias dificuldades. O mundo íntimo de Marina desmoronou. A ideia de suicídio envolveu-a completamente. No caminho para casa, adquiriu a substância letal. Escreveu bilhetes. E, pela manhã, sorveu a poção de uma só vez. Pavorosa dor irrompeu-lhe na carne, nos nervos, no sangue, nos ossos.... Convulsões sucessivas não lhe permitiam morrer. Entretanto, ouvia sua própria mãe a gritar como louca: Morta! Morta! Marina sentiu-se carregada. Dois homens a colocaram na ambulância. Ela não apenas chorava, rugia em contorções, mas ninguém lhe percebia agora os terríveis lamentos. Viu-se atirada, sem qualquer consideração, na laje fria. Suplicava socorro. Agitava-se. Mas ninguém lhe dava ouvidos. Depois de algum tempo é que percebeu que conseguira sair do corpo, porque identificou os jovens médicos a cortarem-lhe as vísceras para exame necrológico. Marina conseguira matar o corpo, mas continuava viva. De pé, ainda cambaleante, sentindo todas as dores e convulsões de momentos antes, Marina grita: Mãe! Minha mãe! Quero viver! Viver! Outra voz, contudo, ecoou ameaçadora e sarcástica aos seus ouvidos:

Suicídio

Mãe, minha mãe, eu também quero viver! Viver!

Procurou com os olhos agoniados quem lhe falava, mas apenas sentiu que braços vigorosos a aprisionavam.

Lembrou, aturdida, o abortamento, os sonhos, a tortura e o suicídio, e esforçou-se terrivelmente para voltar e erguer-se de novo no corpo, tombado na mesa fria.

Mas era tarde demais.

Hilário Silva, livro: **A Vida escreve**, Suicídio, a porta falsa, (Chico Xavier, Waldo Vieira), Momento Espírita, (19/08/2010)

Suicídio

Era manhã de sábado. Tocou o telefone e alguém atendeu.

Uma voz masculina, embargada pela emoção, à duras penas, começou o diálogo.

Desejava saber o que a Doutrina Espírita tinha a dizer sobre o suicídio. Qual seria, segundo o Espiritismo, a sorte daqueles que acabam com a própria vida.

Disse que estava com o firme propósito de pôr fim à vida miserável que estava levando há cerca de dois meses.

Salientou que sua falência fora decretada em cidade distante noutro Estado do Brasil. E, para fugir ao escândalo, mudou-se de cidade em busca de uma oportunidade, mas em vão.

Agora, segundo afirmava, desejava fugir definitivamente da vida, para resolver de vez por todas seus tormentos.

Ouviu, da pessoa que o atendeu, em rápidas palavras, a posição espírita sobre o suicídio.

Que é uma porta falsa e que aqueles que a buscam na tentativa de acabar com os problemas somente os agravam mais.

Que só se consegue sair do corpo, sem sair da vida, que continua pulsante no além-túmulo. Que só quem nos colocou no mundo tem o direito de nos tirar dele. E que esse alguém é Deus, nosso Pai Criador.

Ouviu, ainda, que a sua falência só poderia ser decretada por ele mesmo, agora sim, através do suicídio. Que homem algum poderia fazê-lo.

Que a falência decretada fora a de sua empresa e que, seguramente, se continuasse a trabalhar com disposição conseguiria reverter a situação.

Que Deus jamais nos abandona, muito menos nas horas difíceis da nossa caminhada. Que todos nós, sem exceção, temos um anjo guardião interessado em nossa vitória. Na vitória do Espírito imortal sobre a matéria, sobre os vícios e equívocos.

O homem disse que havia perdido tudo, que estava na miséria, que nada mais lhe restava.

E a voz do outro lado da linha tornou à carga dizendo que a miséria verdadeira é a miséria moral.

E que somente poderemos assegurar que nada mais nos resta quando perdermos a dignidade.

O mundo pode nos tirar tudo, tudo o que temos, mas jamais nos tirará o que somos, jamais logrará retirar conquistas verdadeiras como a dignidade. Somente se nós o permitirmos, aceitando o convite da indignidade.

O homem refletiu um pouco, falou que ainda lhe restavam os amigos e a sua casa, que estava em nome dos pais, já falecidos. Resolveu, por fim, voltar à sua cidade e recomeçar novamente.

Casos como esse que acabamos de narrar, são uma constante na face da Terra.

Se você está enfrentando problemas semelhantes, não deixe de levar em consideração as orientações dos Espíritos Superiores.

Fuja do convite ao suicídio como solução dos problemas.

O suicídio é um terrível engano, por ser uma porta falsa.

Assim que a pessoa realiza o ato do suicídio, percebe o precipício que se abre à sua frente.

De modo geral, são os suicidas que mais sofrem após a morte.

É que quando chegam no mundo espiritual se dão conta de que não lograram o intento, que era pôr fim à vida.

Seguem vivendo e percebem que aos problemas, dos quais desejavam fugir, outros se somam, pela falta de fé em Deus e pela rebeldia.

Na morte natural os laços que unem o Espírito ao corpo são desatados lentamente, enquanto que pelo suicídio são violentamente rompidos, sem, contudo, permitir que o Espírito se liberte.

Por esse motivo, não nos deixemos tentar pelo convite ao suicídio. Nunca valerá a pena. Antes, roguemos a Deus forças para suportar o fardo que carregamos.

Momento Espírita, Suicídio, (Hilário Silva), (11/10/2010)